

# Tapando o Sol com a Peneira.



Com o intuito de estabelecer a verdade a respeito de um artigo publicado no jornal "O Estado de Minas" de 19 de julho do ano corrente, intitulado: "Uma sacola diferente no caixa" escrevi à jornalista responsável pela matéria o seguinte esclarecimento:

Existem hoje no Brasil diversos projetos de Lei nas esferas Federal, Estaduais e Municipais, que legislam proibindo a utilização pelo comércio em geral de sacolas plásticas de polietileno de baixa, média ou alta densidade (PEBD/PEMD/PEAD), alguns aprovados em 1ª instância, com interposição de recursos, porque legislam de forma inconstitucional, proibindo o consumo e indiretamente a fabricação de sacos ou sacolas plásticas com tal finalidade, ou contém erros conceituais gravíssimos, como obrigar a substituição das sacolas de plástico por sacos produzidos com papel reciclado, que não se presta para tal finalidade e sim somente para a produção de caixas de papelão ondulado, tubetes, polpa moldada, papel higiênico de 2ª. linha e pequenos sacos de papel sem carga de peso.

Agora a indústria de embalagens plásticas premida por uma resposta ecológica ao problema ambiental, aliada aos grandes consumidores e poluidores indiretos do meio-ambiente, encamparam a idéia - por motivos de economia - da adoção de uma resina que acrescentada aos materiais acima os tornam supostamente oxibiodegradáveis.

A verdade que deve ser dita agora, antes que mal maior aconteça, é que ditas resinas acrescentadas aos citados materiais os tornam somente oxibiodegradáveis, porquanto continuam a serem constituídos de matéria-prima petroquímica com aditivos para degradação na presença de oxigênio e luz somente, transformando-se depois de determinado período em pequenos fragmentos, que no entanto não são absorvidos por micro-organismos, daí não existir a propalada propriedade de biodegradabilidade.

Os sacos e sacolas produzidas com os referidos aditivos, se decompõem na presença de oxigênio e luz no tempo aproximado de 6 meses, se transformando em fragmentos e partículas a formar nuvens

de materiais pespegando nossa flora, fauna, solo e águas. Existem sim os plásticos desenvolvidos com a propriedade de biodegradabilidade. São aqueles oriundos de matriz vegetal, portanto extraído do milho, mandioca e outros produtos orgânicos, passíveis de serem digeridos pelas bactérias e micro-organismos presentes no meio-ambiente. E por advirem destas fontes são 8 a 10 vezes mais caros que os materiais citados no início, daí sua pequena e seletiva aplicação, hoje praticamente restrita a produtos "premium" em países do 1º. Mundo, notadamente em frascos e bandejas aplicadas como embalagens de bebidas e produtos alimentícios. Portanto com aplicação seletiva e restrita devido ao alto custo.

O que os grandes consumidores de sacolas plásticas desconhecem ou não querem encarar é a verdade, de que o único substrato ambientalmente correto são os de matriz celulósica, porquanto serem eles os únicos que reúnem em si os 4 atributos fundamentais exigíveis em uma embalagem sócio-ambientalmente correta, que são a Renovabilidade- porque são advindas de celulose extraída de florestas plantadas pelo homem para tal finalidade, Reciclabilidade- porque são 100% recicláveis inúmeras vezes, Bio-degradabilidade- porque são absorvidas pelos micro-organismos presentes no meio-ambiente, Compostabilidade- porque podem ser compostadas junto com o lixo, pois tem permeância de água e oxigênio, evitando a proliferação de bactérias anaeróbicas e a consequente geração de chorume.

Ocorre que os sacos e sacolas de papel são no cômputo geral 4 vezes mais caras que as sacolas comuns de plástico, no que pese terem 60% a mais de capacidade volumétrica e serem consumidos à razão de 3,2 vezes menos unidades que uma sacola plástica - conforme estudo feito nos EUA e que motivou muitas redes de supermercados e o comércio de lá a voltar a usar papel em seus sacos e sacolas - que faz com que o custo final para o utilizador seja menor do que parece, perto de 60% a mais que o preço de uma sacola plástica, mas se transformam no Brasil de hoje em 77% de valor recuperado pela cadeia de coleta de papéis, gerando trabalho e renda para milhares de pessoas, ao invés de estar impactando o meio-ambiente e sangrando os cofres municipais com lixões e aterros sem fim com sua consequente contaminação dos solos e dos lençóis freáticos.

Se queremos falar sério neste assunto temos que admitir várias verdades, e uma delas é que se uma única grande rede de supermercados em cada Estado resolver utilizar sacos de papel, não sobrará papel para mais nenhum saco ou sacola para outras redes. Que plástico oxibiodegradável é miragem. Que plástico biodegradável é um conceito que não vingará enquanto

existir petróleo e seres vivos no Mundo a serem alimentados com o milho, mandioca e outros cereais e que antes de se transformar em plástico sem as melhores características do plástico, sofrerá a concorrência da transformação destes produtos em combustíveis como o álcool.

Que o honesto seria termos um programa de previsse num primeiro momento, como é nos Estados Unidos e Europa, a opção do consumidor para com que tipo de embalagem quer embalar seus produtos nos supermercados, comércio, drogarias etc., dando ao consumidor o direito sagrado de escolha de acordo com sua consciência ecológica e propiciando tempo para que toda a cadeia celulósica se prepare para produzir maiores quantidades de celulose, papel e embalagens, mantendo o uso do plástico para aplicações aonde suas características intrínsecas são indispensáveis.

Hoje, entre o plantio e o abate de uma árvore da família Pinus, percorre-se um tempo que varia de 10/12 anos no Brasil e de 20/25 anos nos países do hemisfério norte, fazendo com que o Brasil seja competitivo desde que haja um maior incremento na produção, que hoje ocupa o 8º. lugar no Mundo em celulose de fibra longa para embalagens.

Temos milhares de hectares de terras acidatadas e improdutivas para a lavoura tradicional que podem ser ocupadas por mactos florestais para tal finalidade, sem competir com a produção de alimentos e ainda gerar créditos de carbono para o Brasil e melhorar significativamente a absorção do gás carbônico e a geração de oxigênio com a consequente re-introdução, fixação e proteção de espécies nativas da fauna e flora de cada região, mediante manejo consciente e responsável, contribuindo para enriquecer nossa biodiversidade e economia, e ajudando a fixar populações no campo, com renda.

Mas a pergunta que não cala é: Até quando vamos continuar a tapar o sol com peneira ?

**Antônio Eduardo Baggio**

*Presidente*

*Sinpapel- Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel e Papelão no Estado de Minas Gerais.*

N.A. - Uma das redes de supermercados classe A de Minas Gerais citadas na referida matéria do jornal, diante de alertas para o engano, manifestou sua consciência sócio-ambiental e não se deixando levar por proposições ditas ecológicas sem embasamento técnico - mesmo frente a economia de custo - preferiu tomar uma atitude de respeito ao consumidor e à sociedade, abortando o uso das sacolas plásticas com atributos pretensamente ecológicos.